

Ensino coletivo em bandas escolares: uma perspectiva das metodologias aplicadas com recurso das tecnologias digitais de informação e comunicação

Marcelo Eterno Alves*

Introdução

O Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) é uma tendência educacional em crescimento no Brasil. Porém, apesar de muitas instituições já terem aderido a esse tipo de ensino, ainda são minoria quando se considera a totalidade de corporações musicais e centros de estudo em música no país. É notório que a maioria das instituições de ensino musical no Brasil ainda seguem o modelo conservatorial como base educacional. Regina Márcia Simão Santos (2001, p. 11) descreve que, “[...] o modelo construído a partir do Conservatório de Música Francês, no final do século XVIII, está em sintonia com os ideais democráticos da revolução francesa”. Esse ensino utiliza a forma tutorial “professor e aluno” como principal meio para o aprendizado, sendo comum observar que parte dos ensinamentos nas bandas seguem esse padrão, uma vez que os instrutores e maestros com formação acadêmica tiveram seus estudos calcados nesse molde (NASCIMENTO, 2006).

Nesse sentido Marcus Pereira, presidente da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), em sua tese, aponta uma certa ideologia de modelo do ensino conservatorial nos currículos das licenciaturas em música nas instituições brasileiras:

A partir de uma primeira aproximação analítica dos documentos curriculares selecionados (diretrizes e projetos pedagógicos de quatro diferentes cursos de Licenciatura em Música brasileiros) para a escrita da tese de doutoramento (PEREIRA, 2013) foi possível observar como esta ideologia musical e as demais características conservatórias se materializam nos projetos pedagógicos dos cursos (PEREIRA, 2015, p. 113).

* Mestre e professor do Instituto Federal de Goiás (IFG). Foi Trompetista da Orquestra Sinfônica de Goiânia e Filarmônica de Goiás. É autor da coleção *Tocar Junto Ensino Coletivo de Banda Marcial*. E-mail: marceloeternoalvestocarjunto@gmail.com

De maneira oposta, o modelo de ensino coletivo em instrumentos musicais faz uso da interação social entre os indivíduos e de uma prática em grupo participativa, que são atividades características das bandas. No Brasil, o modelo de ensino coletivo já conta com a contribuição de educadores e pesquisadores alcançando resultados positivos (NASCIMENTO, 2003). Destacando alguns dos trabalhos importantes desenvolvidos por pesquisadores brasileiros: Barbosa (2004; 2010); Cruvinel, (2003; 2005; 2008); Carrascosa Martinez (2014); Rodrigues (2012); Montandon (2004); Tourinho (2003), dentre outros.

No que tange o ensino coletivo em banda escolares, o país vem galgando espaço na publicação de material pedagógico, como compêndios e métodos de ensino. Já em outros países, como Estados Unidos e Japão os métodos de ensino coletivo de instrumento relacionados ao ensino em bandas escolares são aplicados de forma sistemática e consolidada (BARBOSA, 1994).

Contudo, o Brasil, mesmo com uma grande tradição em bandas escolares, encontra-se em fase de conscientização e desenvolvimento em relação às pesquisas que propõem métodos práticos que possam obter resultados positivos no campo de ensino. Os métodos “Da Capo” e “Da Capo Criatividade” (BARBOSA, 2004; 2010), propostos pelo professor Joel Barbosa (UFBA), são materiais elementares valiosos para o ensino coletivo ou individual de instrumentos de banda. Cita-se ainda, a Coletânea do Projeto Guri, metais básicos (SCHEFFER; JUNIOR, 2011) e a Coleção: Tocar Junto - Ensino Coletivo de Banda Marcial (ALVES; CRUVINEL; ALCÂNTARA, 2014); são exemplos métodos de ensino para bandas, representativos no Brasil.

Os agrupamentos musicais que utilizam o ECIM ministram aulas ao mesmo tempo para vários alunos, prioritariamente com emprego de materiais didáticos específicos. Assim, as aulas em uma banda podem se dar de forma: homogênea, um mesmo instrumento lecionado em grupo; e heterogênea, diferentes instrumentos da banda trabalhados simultaneamente, devendo ainda as aulas serem efetuadas de maneira multidisciplinar. Ou seja, além da prática instrumental, outros saberes musicais necessitam ser ministrados: teoria musical, percepção musical, história da música, improvisação, composição, dentre outros (ALVES; CRUVINEL; ALCÂNTARA, 2014, p. 7; NASCIMENTO, 2006, p. 96).

Diante do exposto, faz-se necessário compreender que o ensino coletivo vai além de ler lições e páginas de métodos com os alunos. Portanto, questiona-se até mesmo em que nível os professores e mestres de banda que utilizam do ECIM podem perceber os pressupostos epistemológicos e metodológicos do ensino coletivo de banda.

Acrescenta-se ainda que se faz presente nas bandas escolares brasileiras um ensino que objetiva apenas o trabalho com repertório para apresentações. Trata-se, em muitos casos, de peças que estão além do nível de compreensão e execução dos alunos. Nesses trabalhos não são utilizados métodos específicos de banda. Porém, em algumas situações, são aplicados aquecimentos e escalas, momentos em que a metodologia ainda segue o modelo de conservatório. Em outras circunstâncias os ensaios são reduzidos a um mero ensino de repertório sem a preocupação de alcançar o conhecimento musical (teórico e técnico).

Os métodos brasileiros de banda supracitados e a metodologia de ensino coletivo, procuram sugerir soluções para uma melhor atuação dos educadores musicais, o que também possibilita ao profissional trazer uma reflexão sobre o seu próprio percurso enquanto músico-professor, podendo gerar com isso novos e diversificados questionamentos para os problemas de ensino-aprendizagem no âmbito da educação à distância e do ECIM no século XXI.

O ensino de banda no cenário pandêmico

O contexto gerado pelo Coronavírus que resultou em um distanciamento social, afetou o trabalho desenvolvido em atividade de ensino em bandas escolares. Porém, trouxe novos desafios nos quais professores se viram compelidos a adaptar-se a um novo formato de aulas síncronas e assíncronas presencial ou híbrido das atividades de instrumento musical ou banda, em que foi exigida a utilização das tecnologias digitais e de informação e comunicação.

Nesse sentido, em alguns agrupamentos escolares o distanciamento social exigiu de professores e mestres de bandas escolares se adaptarem a um novo formato de aulas de instrumento musical ou banda. Essa reflexão leva ao seguinte questionamento: até que ponto os métodos e metodologias de ensino em bandas estão acompanhando as tendências e novas gerações de alunos adolescentes acostumados com as tecnologias digitais de informação e comunicação?

Silva e Valente (2016), em “As mídias digitais como potencializadores de aprendizagem”, discorrem que não é mais possível cogitar uma educação sem pensar na tecnologia como aliada. Afirmam ainda que a nova geração de alunos, os nativos digitais, corroboram para o fomento de novas habilidades, o que faz com que a mídia digital seja considerada como segunda língua.

Desta forma, Cintia Graton (*et al.*, 2015, p. 2, grifo nosso) destacam que:

A utilização das tecnologias como ferramentas auxiliares ao processo de ensino e aprendizagem musicais ainda é pouco explorada pela comunidade pedagógica. Entretanto, esses recursos podem contribuir para imprimir novas dinâmicas à sala de aula, aos estudos de percepção musical e até mesmo à relação entre músico e instrumento. O desenvolvimento incessante de recursos de ensino musical voltados para computadores, *tablets* e *smartphones* torna não apenas a absorção de conhecimentos mais lúdica para o aluno, como o campo de pesquisa mais desafiante para os estudiosos do tema.

Aristides e Santos (2018) apontam que mudanças profundas no cotidiano das sociedades estão ligadas ao uso habitual das novas tecnologias. Apesar disso, os autores observam ainda o pouco uso dessas ferramentas digitais na sala de aula e ensaios, se for feita uma comparação com o uso cotidiano das tecnologias por parte dos alunos fora da escola.

Explorando a temática relacionada ao ensino musical e às tecnologias, no cenário pandêmico, aponta-se um levantamento bibliográfico dos quais foi possível perceber o considerável número de autores da área da educação musical que estão aprofundando o tema na atualidade no Brasil, podendo mencionar: Aires, Santos e Marinho (2020); Gohn (2020); Mendonça (2020); Pereira e Oliveira (2020); Schramm (2015) Serra e Carvalho (2020); e Soares (2013).

Buscando compreender de que forma as novas dinâmicas do ensino musical coletivo podem ser inseridas em uma perceptiva das tecnologias de informação e comunicação, é premente esclarecer e compreender como surgiram no Brasil as primeiras empreitadas do ensino musical coletivo. Os primeiros esforços nesse sentido são comumente atribuídos ao projeto de Canto Orfeônico de Heitor Villa-Lobos, que durante o governo de Getúlio Vargas nos anos de 1930 buscou difundir o ensino da música nas escolas públicas. Porém, anteriormente ao período Vargas, Rosa Fucks (1991) complementa que já havia propostas de ensino musical coletivo por Antônio de Sá Pereira e Liddy Chiaffarelli Mignoni, implantado em escolas especializadas e particulares do Rio de Janeiro (FUCKS, 1991). Contudo, Flavia Maria Cruvinel (2003) aponta que foi somente na segunda metade do século XX que outros pensadores e educadores como Alberto Jaffé; José Coelho de Almeida; Pedro Cameron; Maria de Lourdes Junqueira; Diana Santiago; Alda Oliveira; Cristina Tourinho; Joel Barbosa, Maria Isabel Montandon, Abel Moraes e João Maurício Galindo, surgiram no panorama do ensino da música utilizando a metodologia do ensino coletivo (CRUVINEL, 2003).

Traçando um paralelo sobre os autores percorridos, educação e tecnologias e ensino coletivo. Barbosa (2009) em seu artigo; “Tradição e inovação em Bandas”

argumentam que a inovação sempre esteve presente nas bandas, seja pela indústria da fabricação de instrumento ou pela criação de métodos.

Aponta-se aqui, ao final do século XX, o surgimento de programas de edição musical, tais como *Finale* e *Sibelius*, o lançamento dos livros e métodos com acompanhamento de fita cassete ou as primeiras videoaulas em VHS e DVDs que traziam uma certa ascensão tecnológica. Desta forma, se pode imaginar um paralelo com as novas plataformas de *streaming*, o *YouTube* e outros aplicativos que podem construir a interação entre o ensino e aprendizagem em um contexto de ensino remoto, híbrido ou até mesmo presencial.

Mesmo diante de um cenário de uso dos recursos tecnológicos no ensino de banda, Aurélio Sousa (2009) discorre que o ensino do instrumento trompete nas bandas goianas apresentava uma carência de qualificação profissional dos instrutores e maestros, no que tange ao ensino de banda e instrumento e suas produções metodológicas.

No Manual do Mestre de Banda de Música, Capítulo III - A Banda de Música como Instrumento de Educação Musical: Discutindo questões pedagógicas, é apontado pelo autor Lélío Eduardo Alves da Silva (2018, p. 49) que:

Existe uma grande preocupação no meio musical e cultural para que se preservem as bandas de músicas. A escola tem um grande potencial para despertar o interesse dos alunos em participar desses grupos. Existem diversas dificuldades para criação e sobrevivência de bandas nas escolas, inclusive de ordem econômica. Contudo, o maior problema consiste ainda na capacitação dos mestres, pois são eles os responsáveis pela formação e continuidade do grupo.

Nesse sentido os cursos de formação inicial e continuada envolvendo o ensino na banda de música são uma alternativa válida no intuito de preencher a lacuna detectada e abrem caminhos para o contexto atual em também debater acerca da qualificação dos instrutores, professores, mestres e regentes de bandas com aproximação do ensino de banda e as possibilidades tecnológicas e mídias de informação e comunicação.

Nota-se que é imprescindível a qualificação dos músicos oriundos das bandas, sendo defendida também por Marco Antônio T. Nascimento (2003), salientando que instituições de ensino formal de música podem complementar a formação de instrutores, professores de instrumentos e maestros. O autor ainda esclarece que mesmo a banda sendo uma formadora de músicos, a qual coopera significativamente

para uma experiência profissional do músico nas mais variadas áreas de atuação, isso não é autossuficiente para complementar o conhecimento musical do indivíduo.

Percebendo esse potencial que os ensinamentos das bandas proporcionam, Sousa (2009) observou que, nas bandas da cidade de Goiânia, em alguns casos, os professores, que são ex-alunos, utilizam apenas o seu conhecimento empírico adquirido ao longo de sua experiência de banda para dar aulas de instrumento, ou seja, sem uma sistematização do uso de metodologias. É advertido ainda que, nas bandas onde se dispõem mais professores/instrutores, há falta de unidade e sistematização da metodologia utilizada nas atividades do grupo. Outra questão relevante que dificulta ainda mais o processo educacional observado é uma falta de material didático específico para as bandas, ainda que seja um material americano, como métodos e músicas

Assim, recentemente, durante a pandemia de Covid-19, nos cursos de formação continuada para professores de banda em Goiás, instruídos pelo autor desse artigo, foi observado que nas bandas escolares de Goiás, onde se dispõem um quantitativo de até sete professores/instrutores, há uma certa falta de unidade e sistematização da metodologia utilizada nas atividades por esses e a grande maioria não carecia de conhecimento que pudesse contribuir com aulas à distância ou domínio técnico das tecnologias presentes.

Diante do exposto em Goiás, na rede de educação, aponta-se outra questão relevante que dificultou o ensino de banda durante o isolamento- Está relacionado à falta de material didático específico para as bandas, ainda que seja material americano como métodos e músicas, ou mesmo a utilização e domínio de alguns recursos tecnológicos acessíveis e próximos da realidade do perfil dos novos alunos nativos digitais.

Nesse sentido, espera-se que os pesquisadores em bandas e os estudos atuais e as novas propostas metodológicas referentes ao ensino coletivo de instrumento musical, possam ser pensados para dar subsídios que fundamentam e aperfeiçoam as atividades da prática musical de banda e que consigam apodera-se de uma certa forma das diversas possibilidades tecnológicas atuais e as que ainda estão por vir.

Assim, não obstante da realidade atual, o isolamento e ensino remoto, trouxeram então desafios que estão relacionados ao desenvolvimento de aulas com presença das novas tecnologias (presencial ou híbrida, com aulas síncronas e assíncronas) por onde os profissionais necessitam aperfeiçoar suas práticas pedagógicas e educativas fomentando uma reflexão sobre o uso eficiente de ferramentas e acesso à tecnologia,

explorando assim subsídios que conduzem o ensino coletivo de banda próximo dos novos recursos e processos de produção multimídia das tecnologias digitais. Um verdadeiro desafio aos profissionais de banda que ainda não se relacionam com os recursos tecnológicos no ensino de seus instrumentos ou banda.

Desta forma, este artigo visa então relacionar o ECIM e a apropriação das tecnologias que podem ser aplicadas à luz das principais problemáticas educativas e didáticas encontradas nas atividades relacionadas à musicalização por meio do ensino coletivo de bandas no século XXI, tornando-se imprescindível nos dias atuais e devido às circunstâncias pelas quais a educação passou durante o isolamento social, as tecnologias digitais de informação e comunicação estarem presentes no cotidiano do processo de ensino aprendido de banda.

O ensino *on-line* na prática de banda escolar

Em tempos de pandemia, por ocasião da propagação do Coronavírus (Covid-19), o setor educacional foi drasticamente alterado. Escolas foram obrigadas a interromper o atendimento presencial de aulas, o que tornou imprescindível o uso da *Internet* e das tecnologias como uma alternativa de transmissão de conteúdo.

Porém, apesar de nem todos os estudantes possuírem *Internet* de qualidade disponível e equipamentos adequados, o ensino remoto foi adotado. Dessa forma, as instituições, os profissionais da educação e os gestores estiveram empenhados em diminuir os prejuízos de um ensino paralisado, buscando implementar o modo *on-line* com o suporte das tecnologias digitais.

A pedagoga Karolina Maria de Araújo Cordeiro (2020) discorre que, mesmo com a pouca habilidade de alunos e professores no que diz respeito ao domínio das novas tecnologias, além da falta de acesso aos meios digitais de qualidade, o ensino remoto precisou ser iniciado. Foi necessária uma rápida adequação das instituições para proporcionar a continuidade das aulas. Fato esse que só foi possível através do uso de tecnologias como computadores, *Internet*, e *softwares* que foram adaptados para esse fim.

Nesse sentido, o uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser visto sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno passa a interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediado da informação (CORDEIRO, 2020, p. 4).

Porém, pode-se contestar que a utilização da tecnologia como uma aliada no processo educacional remoto não substitui o ensino presencial, principalmente quando se trata de uma aula ou ensaio musical que carece de atividades presenciais, práticas e coletivas. É sabido que o ensino da música nas bandas escolares vai muito além de soluções provisórias de ensino remoto, ou de postar conteúdo *on-line* em uma sala de aula digital, e tampouco do compartilhamento de vídeos. Compreende-se que substituir o ensino presencial não foi o objetivo do ensino remoto durante a pandemia de Covid-19, haja vista que esse modelo aconteceu prioritariamente em função da não paralisação total do ensino, visando minimizar os prejuízos sociais que o sistema educacional poderia sofrer com a paralisação das atividades escolares.

Por outro lado, as evidentes transformações tecnológicas, midiáticas e culturais atingiram uma velocidade sem precedentes, tornando imprescindível o acesso ao *smartphone*, à *Internet* e aos aplicativos, sendo que a comunicação social ocorre atualmente prioritariamente por meio de aplicativos que integram as pessoas e os grupos, sobretudo para as novas gerações. Vale em “Educação e comunicação: os recursos tecnológicos e as possibilidades didático-pedagógicas”, descreve que

[...] um novo espaço educacional, outrora inexistente, aflora em ecossistemas comunicativos num entorno virtual e telemático, que modificando a identidade das pessoas devido às interações e novas maneiras de estarem no mundo, desde o uso de correios eletrônicos, das compras e demais serviços da internet (VALE, 1996 apud SILVA; VALENTE, 2016, p. 67).

Kenski (2007 apud SILVA; VALENTE, 2016, p. 67), também afirma que, “[...] atualmente a educação e a tecnologia são indissociáveis, não há como pensar em uma separada da outra, isto é, pensar na educação sem que haja em seu processo a tecnologia”.

Masetto (2000) descreve a importância da utilização de tecnologias no contexto educacional, com objetivo específico de alcançar resultados na aprendizagem:

É importante não nos esquecermos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. As técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem, que no caso serão de aprendizagem (MASETTO, 2000, p. 144).

Sendo assim, observa-se que os estudantes século XXI, altamente conectados à *Internet*, aos jogos *on-line*, aos *videogames* e às mídias sociais, trazem uma nova demanda para as escolas no que concerne às inovações tecnológicas aplicadas ao cotidiano pedagógico. Por outro lado, é perceptível que a maioria dos professores atuantes podem estar despreparados para essa nova realidade. Além disso, pode-se ainda questionar se os currículos das licenciaturas estão sendo atualizados de acordo com esse novo perfil de alunos.

Neste sentido, deve-se salientar que o maior desafio dos professores de banda foi possibilitar à distância o uso síncrono de uma aula prática coletiva de instrumento e que pelos motivos da atual tecnologia não proporcionar uma execução musical simultânea e ao vivo de várias pessoas, tendo a latência no tempo e velocidade de *Internet* como obstáculos, além ainda, da má qualidade sonoras dos equipamentos e lentidão muitas vezes da conexão.

Sendo assim, muitos optaram por trabalhar com gravações de vídeos e criação de quadros utilizando aplicativos, *playbacks* e guias sonoros para orientações das performances. Outros optaram por gravar *videoaulas* e criar ambientes nas plataformas como *moodle*. Diversos cursos de música em formato online foram possíveis realizar e muitas *lives* surgiram, porém, observa-se que o domínio com a tecnologia por parte de professores e alunos foi fundamental para encontrar as soluções de uma aula à distância. Assim, constatou-se uma prática de cotidiano em uma banda escolar, em formato *on-line*, buscando acontecer com realizações de experimentações e testes, o que de certa forma, em alguns casos, foi eficiente, uma vez que alunos que nunca haviam tocado um instrumento conseguiram aprender por esses meios tecnológicos.

Essas condicionantes abriram novos horizontes de possibilidade e hoje é possível vislumbrar nos próximos anos uma *Internet* em 5G, 6G, e até 7G, com velocidade que possivelmente será exequível realizar performance à distância e ao vivo e sincronizada. Nesse sentido, se pensar na nova tecnologia do metaverso, com a qual será possível criar um ensaio da banda em ambiente de realidade virtual e coletiva, com a possibilidade de ensaio onde os instrumentistas estarão distantes, porém juntos em ambiente virtual expandido.

Sobre essa tecnologia Gomes, Junior e Webster (2012, p. 2) esclarecem que:

Dentre as chamadas novas TIC's, destaca-se o metaverso, que também é conhecido como Mundo Digital Virtual em 3D (MDV3D), trata-se de uma representação virtual do mundo, 'ou do mundo que se deseja criar e que seria acessado via internet. O mais conhecido desses mundos virtuais é o Second Life,

que inicialmente tinha uma conotação de rede social, mas, nos últimos anos vem sendo amplamente utilizado pela educação com fins de ambiente virtual de aprendizagem, especialmente no contexto das Ciências Sociais. Além disso, o Metaverso Second Life aparece como uma alternativa e propõe uma nova forma de relacionamentos que ocorre por meio da mediação de avatares. Estas formas de contato, conforme Moore e Kearsley (2007) se constituiriam na distância transacional, a qual é referente a um novo espaço pedagógico e psicológico, onde o que é relevante são as relações estabelecidas entre professores e alunos, estrutura do programa educacional e autonomia do aluno.

Parece ser distante essa possibilidade, porém o metaverso já vem sendo utilizado em jogos *on-line* de realidade virtual, onde os jogadores utilizam óculos com microfones e são condicionados a estar em um ambiente virtual e interagir no jogo por meio de movimentos, sons e imagens.

Nesse sentido, faz-se necessário fomentar um novo tempo e olhar, para o ensino coletivo de banda, o qual pode ser questionado, em que nível o ECIM está em sintonia e acompanhando as novas gerações e tendências tecnológicas. Especificamente no que tange à discussão sobre a sistematização da metodologia de ensino coletivo em bandas no Brasil e suas práticas pedagógicas, aliadas ao uso das tecnologias, esperando que nos próximos anos bandas e instrumentistas poderão usufruir de ambientes virtuais e poderão ter aulas ou tocar em um ambiente de realidade virtual.

Desta forma, todas essas possibilidades futuras dependem de estar em congruência com materiais de ensino em banda existentes ou possíveis de criar e que possam ser utilizados, seja por videoaulas, *playbacks* e/ou aplicativos. Assim, depara-se novamente, na atualidade, com a escassez e disponibilidade ao público de métodos e materiais em formato digital, ou material disponíveis em plataforma como *YouTube* ou aplicativos com foco na prática de banda, dentre outros, os quais poderiam ter contribuído com a situação vivenciada durante o ensino remoto.

Ainda nessa perspectiva, do uso das tecnologias Barbosa (2021) em uma *live* apresentada ao canal do *YouTube* intitulado “Viva Banda”, adverte que:

[...] a tecnologia sempre esteve associada com os métodos de banda e sempre esteve associada a história da banda, quando como você pega por exemplo, os grupos de Harmoniemusik do séc. XVIII, um instrumento, o *basshorn* ou uma clarinete de 5 chaves, hoje ela tem 17 e algumas 21 claves, você vê, a tecnologia sempre junta, o ensino. Mas os métodos de banda em si, na década de 80, eles começam a usar fita cassete, aquele *Yamaha Band method* por exemplo, tem uma fita cassete, isso é para animar o aluno estudar em casa [...] ai no começo dos anos 90 já vem com fita VHS [...] depois foram vindo outros meios: Cd-rom; os Dvds; os Cds, foram melhorando e hoje estão na internet, ai alguns métodos se

you will pay an annual fee for example, you have access to all these technologies; Playbacks. are classes, video-classes, all this available together with the method [...] (BARBOSA, 2021).

No entanto, tratando de material didático para ensino de banda, mesmo os métodos brasileiros, que são uma opção usual para o ensino coletivo de banda escolares, não foram concebidos em um contexto de isolamento educacional, fechamento das escolas e paralisação de ensaios e aulas práticas de instrumento. Sendo assim, novos questionamentos estão vindo à tona como: os métodos brasileiros necessitariam de uma nova abordagem tecnológica para se adaptar a um formato digital e *on-line*? O alcance midiático poderia contribuir ainda mais com a difusão desses métodos? É possível, com poucos recursos, a curto e médio prazo, adequar ou idealizar um formato de método com uso das novas tecnologias? Os atuantes no ensino de banda estão preparados para lidar com a nova geração nascida na era tecnológica e digital?

Considerações finais

A pandemia de Covid-19 e o isolamento social aceleraram e despertaram a necessidade de aproximação do ensino musical coletivo de banda com os recursos das tecnologias digitais de informação e comunicação, despertando com isso um alerta para o novo perfil de aluno oriundo da geração nativo digital. É notório ainda que os atuais métodos de ensino coletivo de banda no Brasil não foram pensados em um contexto de utilização por meio das possibilidades tecnológicas. Alguns métodos de banda como *Tocar Junto*, que durante o isolamento e ensino remoto disponibilizou material em formato digital, com acesso gratuito, seja pelo *smartphone* ou computador, e também disponibilizou os *playbacks* e vídeos aulas de lições, exercícios e apresentação do repertório contido no método e publicados no *YouTube* como conteúdo de apoio pedagógico, necessitam ainda de uma proposta que possa estar presente em um ensaio-aula de forma mais eficiente.

Desta forma, é possível pensar em aplicativos contendo os exercícios propostos nos métodos brasileiros e nos quais professores e alunos possam ter acesso a exercícios práticos musicais, teóricos e de percepção musical, onde a interação coletiva pudesse ser criada através de jogos musicais e opção de criação musical (composição) na medida que os alunos vão interagindo e vencendo as fases das lições e exercícios. Algumas dessas possibilidades de interação *on-line* e virtual já estão presentes nos jogos na *Internet* que se utilizam da realidade virtual onde jogadores em espaços distantes interagem simultaneamente.

Por fim, acrescentamos que uma nova tecnologia, *metaverso* que utiliza da realidade virtual e inteligência artificial presentes em jogos de realidade virtual está chegando e se tornará possivelmente revolucionar o ambiente virtual, com advento das novas velocidades de *Internet* (5G; 6G e 7G) e com melhores equipamentos sonoros, logo será possível tocar coletivamente nesses ambientes de forma sincronizada. Espera-se que os atuantes do ensino musical coletivo possam usufruir de tais recursos, pois esse é o futuro no qual os alunos de bandas estarão inseridos e professores não poderão afastar-se.

Referências

- AIRES FILHO, S. A. DE A.; SANTOS, C. P. DOS; MARINHO, V. M. Ensino coletivo remoto de violão: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do COVID 19. In: XV ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM - A EDUCAÇÃO MUSICAL BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO MUNDO. **Anais...** Nordeste-Brasil: ABEM, 2020.
- ALVES, M. E.; CRUVINEL, F. M.; ALCÂNTARA, L. M. (Org.). **Tocar-Junto, Ensino coletivo de banda marcial**: livro regente. Goiânia: Pronto Editora, 2014.
- ARISTIDES, M. A. M, SANTOS, R.M. Contribuição para questões das tecnologias digitais nos processos de ensino-aprendizagem de música. Universidade Federal do Ceará - campus Sobral. **Revista da ABEM**, v. 26, n. 40, p. 91-113, jan./jun. 2018.
- BARBOSA, Joel Luís da Silva. **An adaptation of American band instruction methods to Brazilian music education, using Brazilian melodies**. Tese (Doutorado) - University of Washington-Seattle, 1994.
- BARBOSA, Joel Luís. **Da Capo, método elementar para ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda**. Edição Keyboard Editora Musical Ltda. São Paulo, 2004.
- BARBOSA, Joel Luís. "Tradição e inovação em bandas de música". In: BIASON, Mary Ângela, (Org.). In: I Seminário de Música do Museu da Inconfidência - Bandas De Música do Brasil 2009, Ouro Preto/MG. **Anais....** Ouro Preto/MG: Museu da Inconfidência, 2009. p. 65-74.
- BARBOSA, Joel. **Da Capo Criatividade**: Método elementar para ensino coletivo e/ou individual de instrumentos de banda. São Paulo: Musical, 2010.
- BARBOSA, Joel Luís, in Live Viva Banda 12 F. 1. CRUZ, Fernando, Vídeo (1h44min). 2021. **Canal Viva Banda**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KLuy9WBNEg>>. Acesso em: 09 set. 2021.
- CARRASCOSA MARTINEZ, E. **O Projeto Guri e a percepção harmônica em crianças de 6 a 9 anos**: um estudo sobre a aquisição do conhecimento da tonalidade e da harmonia no contexto do ensino coletivo de instrumentos em São Paulo. 2014. 274 f. Tese Doutorado em Música - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285250> Acesso em: 7 jan. 2022.
- CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O Impacto da pandemia na educação**: A utilização da tecnologia como ferramenta de ensino. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

Bandas de Música: intersecções históricas, identitárias e educacionais

Ensino coletivo em bandas escolares: uma perspectiva das metodologias aplicadas com recurso das tecnologias digitais de informação e comunicação

DOI: 10.23899/9786589284307.6

CRUVINEL, Flávia Maria. **Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: A educação musical como meio de transformação social.** Dissertação (Mestrado) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

CRUVINEL, Flávia Maria. **Educação musical e transformação social: uma experiência com ensino coletivo de cordas.** Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

CRUVINEL, Flávia Maria. O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Educação Básica: compromisso com a escola a partir de propostas significativas de Ensino Musical. In: VIII Encontro Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Educação Musical; 1º Simpósio sobre o Ensino e a Aprendizagem da Música Popular; III Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. **Anais...** Brasília, 2008.

FUCKS, Rosa. Prática Musical da Escola Normal: Uma História não Escrita. **Cadernos de Estudos: Educação Musical**, n. 2-3, p. 26-34, fev./ago., 1991.

GOHN, D. M. Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia. **Revista da Tulha**, v. 6, n. 2, p. 152-171, 2020.

GOMES, Ana Cláudia Bilhão; JUNIOR, José Carlos da Silva Freitas; WEBSTER, Mariana Azevedo. As Implicações do Uso da Tecnologia Metaverso (Mundos Digitais Virtuais em 3D) Nos Processos de Ensino-aprendizagem da Educação Superior. In: XXXVI ENCONTRO ENPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ 2012.

GRATON, Cintia; SANTOS Felipe; CRETTON, Felipe; SANTOS, Giuliana; MARINS, Juliana; BRITO, Magno; NASCIMENTO, Marcio; TROTTA, Nathalia; CARDOSO, Nina. RECURSOS DIGITAIS PARA A AULA DE MÚSICA. In: **Resumos Expandidos do VI Seminário Mídias & Educação do Colégio Pedro II: “Dispositivos Móveis e Educação”** UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Centro de Letras e Artes. n. 1, 2015.

MASETTO, Marcos T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 12. ed. Campinas: Papirus, 2000.

MENDONÇA, Maurício de O. **O ensino de Música no contexto do distanciamento social no curso técnico Integrado em Instrumento Musical do IFG.** Trabalho de Conclusão de Curso - Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados. Instituto Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

MONTANDON, Maria Isabel. Ensino Coletivo, ensino em grupo: mapeando as questões da área. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS. **Anais...** Goiânia: A Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, 2004. p. 45-48.

NASCIMENTO, Marco Antônio Toledo. **A banda de música como formadora de músicos profissionais, com ênfase nos clarinetistas profissionais do Rio de Janeiro.** Monografia de final de curso, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2003.

NASCIMENTO, Marco Antônio Toledo. O Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais na Banda de Música. In: XVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM). **Anais...** Brasília, 2006.

Bandas de Música: intersecções históricas, identitárias e educacionais

Ensino coletivo em bandas escolares: uma perspectiva das metodologias aplicadas com recurso das tecnologias digitais de informação e comunicação

DOI: 10.23899/9786589284307.6

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. O currículo das licenciaturas em música: compreendendo o habitus conservatorial como ideologia incorporada. **Arteriais**, Revista do PPGARTES-UFPA, 2015.

PEREIRA, M. V. M.; OLIVEIRA, M. A. W. (Re)Ações da Associação Brasileira de Educação Musical em tempos de pandemia: entre adaptações e a construção de um novo futuro. **Revista Música**, v. 20, n. 2, p. 239–258, 2020.

RODRIGUES, T. C. **Ensino Coletivo de Cordas Friccionadas**: uma análise da Proposta Metodológica de Ensino Coletivo de Violino e Viola do Programa Cordas da Amazônia. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará: Belém (PA), 2012. Disponível em:

<<http://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/disserta%C3%A7%C3%B5es/2010/T%C3%81RSILLA%20RODRIGUES.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2022.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Jaques-Dalcroze, avaliador da instituição escolar: em que se pode reconhecer Dalcroze um século depois? Debates 4 – In: **Caderno do Programa de Pós-Graduação em Música**. Rio de Janeiro: UNIRIO/CLA, 2001. p. 7-14.

SCHEFFER, Jorge Augusto; JUNIOR, Ary da Silveira (Colab.). **Livro didático do projeto Guri**. Metais, básico. Associação Amigos do Projeto Guri. Governo do Estado de São Paulo, 2011.

SCHRAMM, Rodrigo. **Sistema Audiovisual Para Análise De Solfejo**. Tese (Doutorado em Computação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/122533>>. Acesso em: dez. 2020.

SERRA, C. R. M.; CARVALHO, J. M. De. A arte musical e seu ensino: desafios e possibilidades do empreendedorismo criativo frente à pandemia de Covid-19. In: **Comunicação Social - FAAC**. Bauru: Gradus Editora, 2020. p. 167-175.

SILVA, Victoria; VALENTE, Vânia Cristina Pires Nogueira. As mídias digitais como potencializadores de aprendizagem. In: XIV International Conference on Engineering and Technology Education. **Anais...** Salvador, 2016.

SILVA, L. E. A. (Org.); DE PAULA PINTO, M. T; DE SOUZA, D. P. A Banda de Música como Instrumento de Educação Musical: Discutindo questões pedagógicas. In: **Manual do Mestre de Banda de Música**. 1. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2018.

SOARES, Maria C. **Escuta Musical via Internet**: Contribuições para o ensino musical. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUSA, Aurelio Nogueira. **Mapeamento do Ensino de Trompete em Goiânia**. Universidade Federal de Goiás, Goiânia 2009.

TOURINHO, Cristina. Aprendizado musical do aluno de violão: articulações entre práticas e possibilidades. In: **Ensino de Música**: Propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003. p. 77-84.